



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

ALINY DE ANGELYS SILVA LIMA

**O *STAND-UP* DE WINDERSSON NUNES E A MATERIALIZAÇÃO DA VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA DIATÓPICA PARA A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE
NORDESTINA**

CAMPINA GRANDE

2020

ALINY DE ANGELYS SILVA LIMA

**O *STAND-UP* DE WHINDERSSON NUNES E A MATERIALIZAÇÃO DA VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA DIATÓPICA PARA A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE
NORDESTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à coordenação do curso de graduação em Licenciatura em Letras/Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *Campus I*, Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras/Português.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientador: Prof. Dr. José Domingos

CAMPINA GRANDE

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732s Lima, Aliny de Angelys Silva.

O *stand-up* de Windersson Nunes e a materialização da variação linguística diatópica para a representação da identidade nordestina [manuscrito] / Aliny de Angelys Silva Lima. - 2020.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Variação linguística. 2. Variação diatópica. 3. Preconceito linguístico. 4. Nordeste brasileiro. I. Título

21. ed. CDD 410

ALINY DE ANGELYS SILVA LIMA

O *STAND-UP* DE WHINDERSSON NUNES E A MATERIALIZAÇÃO DA VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA DIATÓPICA PARA A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE
NORDESTINA

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à coordenação do curso de graduação em Licenciatura em Letras/Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *Campus I*, Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras/Português.

Área de concentração: Sociolinguística

Aprovado em: 15/12/2020

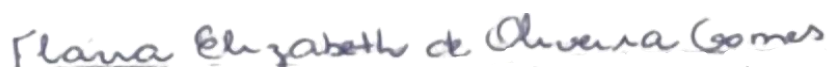
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. JOSÉ DOMINGOS – UEPB (Orientador)



Prof. Me. RANIERE MARQUES DE MELO (Examinador)



Prof.^a Dr.^a FLÁVIA ELIZABETH DE OLIVEIRA GOMES (Examinadora)

A meu Deus e Senhor, a quem chamo de Pai.

Aos meus sobrinhos Kal-El (2 anos e 2 meses) e Peter (5 meses) pelas vezes que com balbucias, sorrisos e olhares, me deram forças para continuar. Isto é, também, por/para vocês.

AGRADECIMENTOS

Enceto estas palavras agradecendo a Deus, pela sustentação ao longo do curso e pela presença constante em minha vida; por todas as vezes que baixou as águas dos dilúvios pelos quais passei, tal como fez com Noé, em Gênesis 8:1, assegurando-me de que ***Deus sempre lembra.***

À Igreja Batista de Fagundes, pela ministração da Palavra e alimento da fé racional fundamentada na Bíblia, me dando forças para seguir sempre em frente, olhando para O Alvo, que é Cristo.

Ao Grupo Philladélphia da Igreja Batista de Fagundes, na pessoa do meu irmão em Cristo e companheiro de liderança Wellington Farias, pelas compreensões e palavras de incentivo, sempre mostrando-me que embora existam situações urgentes em nossa vida, o que é Importante deve vir em primeiro lugar. ***O Reino dos céus é a minha Importância e até aqui me ajudou o Senhor.***

Aos meus pais, pelo incentivo ao conhecimento, sobretudo à minha mãe Maria das Neves, que precocemente me mostrou o caminho das palavras e seus significados, despertando em mim o amor pela língua e o interesse em conhecer dela sempre mais.

Às minhas irmãs Aliny, Aliny e Alicy, pelo companheirismo, pelo humor arrancado nos dias difíceis e pela permanência.

Ao meu noivo Tiago Gustavo, pela cumplicidade, afeto, pelas vezes que levou-me à faculdade saindo do trabalho, cansado, ou deixando de lado algumas obrigações, quando não consegui outra forma de deslocar-me até ela, sobretudo pela compreensão nos momentos em que precisei abdicar do nosso tempo juntos para dedicar-me ao curso.

À Universidade Estadual da Paraíba, sobretudo aos professores que tive ao longo desta graduação, os quais, muitos, ainda que não saibam, me serviram(em) de inspiração enquanto pessoa e profissional.

À professora Alfredina Rosa Oliveira do Vale, por ter tão bem lecionado a disciplina de Sociolinguística, despertando em mim admiração e curiosidade nesta área da língua.

Ao meu orientador Professor Doutor José Domingos, pelo zelo em cada orientação, mesmo estando nós em um ano atípico, passando por uma pandemia e tendo que nos desdobrarmos virtualmente.

À minha dupla acadêmica Daniella Paiva, que, mais que isso, tornou-se amiga e confidente extra universidade. ***“Nunca fui só eu. Nunca foi só ela. Sempre fomos nós duas. Nunca competimos, sempre dividimos.”***

Aos meus amigos de turma Sarah Cabral, Ana Beatriz, Rayane Alves, Pedro Henrique e Marcos Marques, pelo companheirismo durante estes anos acadêmicos, conhecimentos partilhados e cumplicidade extra sala de aula. Vocês tornaram a graduação mais leve e mais feliz. Glória a Deus pela vida de cada um!

À minha Banca Examinadora composta pela Prof.^a Dr.^a Flávia Elizabeth de Oliveira Gomes e pelo Prof. Me. Raniere Marques de Melo, por aceitarem o convite para fazer parte desta pesquisa, contribuindo e compartilhando saberes.

Por fim, a todos que, consciente ou inconscientemente, me incentivam a ir sempre adiante, apesar das intempéries que o tempo nos insere.

“Embora venhamos de lugares diferentes e falemos línguas diferentes, nossos corações batem como um só.”

Harry Potter – JK Rowling

RESUMO

A língua é um fenômeno natural inerente ao ser humano, cuja natureza é fruto do processo interativo da comunicação. Assim, é inegável que se apresente de forma dinâmica e passível de variações em tipos e níveis sociais. Neste estudo, destacamos a relevância das variações linguísticas para o pleno exercício da linguagem, bem como o respeito que se deve haver diante delas, considerando-as elementos imprescindíveis da cultura dos indivíduos e suas respectivas regiões. Isto posto, mediante o interesse em descobrir de que forma a variação linguística se materializa em discursos que tematizam a identidade nordestina, escolhemos como objeto de estudo a variação diatópica nas falas de Whindersson Nunes, realizando uma abordagem analítica sustentada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista de Labov. Para compor o *corpus*, foram selecionados vídeos de shows *stand-up* de Nunes, extraídos da plataforma digital *Youtube* e um recorte de tempo do show “Whindersson Nunes: Adulto”, disponível na plataforma *Netflix*. A escolha da personalidade mencionada se deu em virtude da influência exercida por ela nas mídias digitais atualmente, que propaga, para todo o Brasil e, quiçá, o mundo, a imagem do nordestino brasileiro. Ancorados nos procedimentos metodológicos de natureza qualitativa quanto à abordagem do tema, e documental quanto aos procedimentos técnicos empregados, partimos da variação linguística diatópica a fim de observar, na fala, seus níveis de materialização, objetivando evidenciar o funcionamento desta para a representação da identidade cultural nordestina brasileira. Além disso, promovemos uma reflexão sobre o preconceito linguístico relacionado a dizeres característicos da população do Nordeste brasileiro. A análise do *corpus* é alicerçada sobretudo nas contribuições de Bagno (1999) e (2007). Acerca da identidade, discutiu-se a partir de estudiosos como Silva (2006) e Castells (2001). Como resultados, percebemos que Nunes se apropria da variação linguística em seus trabalhos para evidenciar a fala nordestina, marcando sua identidade. Nos *stand-ups*, valoriza o *ser* nordestino, os dizeres e o contexto histórico regional deste povo, como a sabedoria popular e o humor, que por vezes são tidos como motivo de vergonha até mesmo pelos próprios nordestinos, quando se sentem inferiorizados ou estigmatizados pelo seu jeito de fala.

Palavras-chave: Variação linguística. Variação diatópica. Preconceito linguístico. Nordeste brasileiro. Whindersson Nunes.

ABSTRACT

Language is a natural phenomenon inherent in the human being, whose nature is the result of the interactive process of communication. Thus, it is undeniable that it presents itself in a dynamic way and subject to variations in social types and levels. In this study, we highlight the relevance of linguistic variations for the full exercise of language, as well as the respect that must be given to them, considering them essential elements of the culture of individuals and their respective regions. That said, through the interest in discovering how linguistic variation materializes in discourses that thematize northeastern identity, we chose as an object of study the diatopic variation in the speeches of Whindersson Nunes, performing an analytical approach based on the assumptions of Labov's Variationist Sociolinguistics. To compose the corpus, videos of stand-up shows by Nunes were selected, extracted from the digital platform Youtube and a time-clipping of the show "Whindersson Nunes: Adulto", available on the Netflix platform. The choice of the personality mentioned was due to the influence exerted by her on digital media today, which propagates, throughout Brazil and, perhaps, the world, the image of the Brazilian northeasterner. Anchored in the methodological procedures of a qualitative nature regarding the approach to the theme, and documentary as to the technical procedures used, we start from the diatopic linguistic variation in order to observe, in speech, its levels of materialization, aiming to highlight the functioning of this for the representation of the Brazilian northeastern cultural identity. In addition, we promote a reflection on the linguistic prejudice related to characteristic sayings of the population of the Brazilian Northeast. The analysis of the corpus is based mainly on the contributions of Bagno (1999) and (2007). About identity, it was discussed from scholars such as Silva (2006) and Castells (2001). As a result, we realize that Nunes appropriates linguistic variation in his works to highlight northeastern speech, marking his identity. In stand-ups, he values the northeastern being, the sayings and the regional historical context of this people, such as popular wisdom and humor, which are sometimes taken as a cause for shame even by the northeasterners themselves, when they feel inferior or stigmatized by their way of speaking.

Keywords: Linguistic variation. Diatopic variation. Linguistic prejudice. Northeast Brazil. Whindersson Nunes.

SUMÁRIO

1	PALAVRAS INICIAIS	12
2	INFLUENCIADORES DA ERA DIGITAL: WHINDERSSON NUNES, A PERSONALIDADE DA VEZ	14
3	METODOLOGIA E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	17
3.1	Procedimentos de coleta	17
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
4.1	Contribuições sociolinguísticas	19
4.2	Tipos de variedades linguísticas	20
4.3	Língua, Identidade e Regionalização	24
4.4	Variação linguística e o preconceito com a língua	26
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	28
5.1	Sobre o preconceito linguístico-identitário	28
5.2	Os discursos humorísticos e a materialização da variação diatópica para a representação da identidade nordestina	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35

1 PALAVRAS INICIAIS

Que a língua sofre variações de forma natural não é novidade. Os estudos sociolinguísticos variacionistas constataam tal afirmação, por exemplo, a partir de comparações entre documentos escritos em épocas distintas, ou até no ato de observar analiticamente a maneira como os usuários da língua se apropriam de recursos linguísticos para propor interação no meio em que fazem parte, dependendo das exigências que o contexto social impõe. (BAGNO, CASSEB-GALVÃO, 2017).

Considerando isto e ainda conforme Bagno e Casseb-Galvão (2017), distinguir indivíduos de acordo com o nível de escolarização e localidade em que estão inseridos, um gaúcho de um cearense, por exemplo, não é uma tarefa difícil, já que as escolhas de vocabulário, bem como entonação e fonética destes, são distintas. Conforme a tese de Ilari e Basso (2009), a língua não é uniforme, e, assim sendo, pode se manifestar das mais variadas formas, por isso a razão pela qual os estudiosos se apropriarem do termo *variação* para explicar que a língua/linguagem possui relações diretas com a sociedade, que também é passível de modificações.

Essas relações irrefutáveis são de total interesse dentro da Linguística, mais especificamente, no âmbito da Sociolinguística, sendo esta uma vertente que estuda a língua no seu funcionamento social, considerando as relações existentes entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da alocação. Para essa área de estudo, a língua é uma instituição social e não pode ser examinada como uma estrutura independente, que não considera o contexto situacional, da cultura e da história dos indivíduos que a utilizam como recurso comunicativo (CEZARIO; VOTRE, 2009).

Destacamos aqui o conhecimento da existência dos tipos de variação linguística, tais quais: diastrática, diacrônica, sincrônica, diafásica, diamésica e diatópica, que serão abordados brevemente na fundamentação teórica deste trabalho, bem como a interligação que há entre eles. Todavia, para fins didático-metodológicos, recorreremos a esta última, já que pretendemos abordar uma discussão regionalista evidenciada no objeto de estudo desta pesquisa científica.

Este trabalho possui como objeto de análise a variação diatópica no discurso de Whindersson Nunes. Desta forma, nosso problema de pesquisa se materializa na seguinte indagação: De que forma a variação linguística diatópica contribui para a representação da identidade nordestina nos discursos de Whindersson Nunes? Para respondê-la, definimos os objetivos: 1. Geral: Analisar o funcionamento da variação linguística diatópica para a

representação da identidade nordestina brasileira nos discursos de Whindersson Nunes. 2. Específicos: a) Descrever a variação diatópica e seus respectivos níveis presentes na fala do humorista Whindersson Nunes; b) Discutir como a ideia de preconceito linguístico se relaciona com o conceito de identidade nos discursos de Nunes; c) Evidenciar os sentidos produzidos no discurso do humorista, decorrentes da materialização/presença da variação diatópica em seus níveis descritos no objeto a).

O nosso interesse pelo discurso do humorista justifica-se não só em decorrência da visibilidade nacional e internacional deste, mas, sobretudo, pela influência que ele exerce no mundo midiático e social, alcançando, com seu humor, vidas de todas as faixas etárias e localidades, revelando a identidade cultural e regional do Nordeste brasileiro. Para além disso, não foi encontrado nenhum trabalho científico diretamente relacionado à temática da Sociolinguística em que observa a relação das variações linguísticas e a identidade regional em discursos de humoristas influenciadores nordestinos, justificando ainda mais a importância deste estudo para a área.

Os tópicos seguintes primam pela reflexão acerca da relevância do papel da variação linguística diatópica, associada às performances de Nunes, para a representação do perfil nordestino brasileiro, e o preconceito linguístico ao modo de falar do Nordeste. Desta forma, foram analisados trechos de fala selecionados a fim de identificar a variação da língua e o preconceito linguístico enraizado na sociedade brasileira no que se refere aos dialetos que se desviam do convencional da norma padrão da língua. Assim, o *corpus* de análise contempla três vídeos¹ publicados na plataforma *Youtube*, e um recorte de tempo do show *stand-up* “Whindersson Nunes: Adulto”², disponível na plataforma *Netflix*.

¹ Vídeo 1: “**Sotaque**” – Canal *Whindersson Nunes*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-vF7-jRcyfU&t=183s> – Acesso em 25/10/2020 (foi analisado o recorte de tempo 2:07min. – 6:40min.)

Vídeo 2: “**Whindersson e o sotaque mais bonito do Brasil**” – Canal *Felipe Neto*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OQkc3AXqR7c> – Acesso em 08/09/2020

Vídeo 3: “**Whindersson Nunes em Marminino (Show completo)**” – Canal *Whindersson Nunes* – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYfFDaPdkWc> – Acesso em 25/10/2020. (Foi analisado o recorte de tempo 1:08min. – 4:21min.)

² Por fins metodológicos e de constituição do *corpus* da pesquisa, foi analisado o recorte de tempo 33:48min. – 41:03min.

2 INFLUENCIADORES DA ERA DIGITAL: WHINDERSSON NUNES, A PERSONALIDADE DA VEZ.

Os avanços tecnológicos deste século explicitam que a alta tecnologia não é uma utopia futurista: ela está acontecendo neste exato momento, ainda que, por estarmos “dentro da ilha”³, não a percebamos. Para constatar isso, basta apenas fazer uma linha do tempo e comparar as técnicas comunicacionais e científicas da atualidade com as de 40 anos atrás, por exemplo, nas quais as cartas pessoais ainda eram frequentes. Nesse contexto, a globalização tecnológica tem desempenhado um papel relevante no referente ao processo de comunicação entre as sociedades. Todos os dias, o contato entre as nações mediante o uso de novas tecnologias e plataformas digitais-sociais se torna ainda mais possível e real, podendo, em qualquer lugar, qualquer pessoa ter acesso aos mais variados assuntos e personalidades. Desse modo, hoje, já é pertinente dizer que temos um novo modelo de mundo, no qual as fronteiras são cada vez menores, ou, em determinado contexto, inexistentes, sendo, portanto, a Terra esculpida pelas mãos da tecnologia.

A expansão das mídias sociais através da internet tem permitido e proporcionado que diversas personalidades exponham suas vidas nos variados âmbitos desta, seja pessoal, profissional, espiritual, cultural etc. Desta forma, indivíduos de diferentes localizações geográficas têm a impressão de estarem mais próximos uns dos outros, compartilhando, no dia-a-dia, costumes, valores éticos e morais, histórias e, sobretudo, cultura. Assim, conforme salienta Medeiros e Santana (2017, p. 49)

[...] a explosão de influenciadores digitais, blogueiros e *youtubers* nasce de um contexto oportuno, em que a mídia, cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, difunde a ideia da fama como uma possibilidade real para a conquista da prosperidade.

De acordo com o site e-Biografia⁴, Whindersson Nunes Batista, socialmente conhecido como Whindersson Nunes, nascido em 5 de janeiro de 1994, é um humorista e youtuber brasileiro, natural da cidade de Bom Jesus, no interior do Piauí, estado do Nordeste brasileiro. Filho do casal Hidelbrando de Sousa Batista e Valdenice Nunes, o humorista teve uma infância e adolescência humilde, na qual passou por inúmeras dificuldades financeiras ao lado de seus pais e mais dois irmãos. Ainda jovem, aos 15 anos de idade, iniciou gravações de vídeos que foram postados em seu canal no Youtube, que, de acordo com o artista, eram poucos visualizados. A história do comediante mudou quando, ao publicar um vídeo com a paródia “Alô,

³ “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.” José Saramago

⁴ https://www.ebiografia.com/whindersson_nunes/ - Acesso em 12/09/2020

vó, tô reprovado” (versão da canção “Alô, vó, tô estourado”, do cantor Israel Novaes) seu canal saiu do percentual de dois mil para, rapidamente, vinte mil inscritos. Desde então, o sucesso de Nunes foi e tem sido cada vez maior. Hoje, em setembro de 2020, ainda conforme o site e-Biografia, o artista é dono do segundo canal do Youtube mais seguido do Brasil, com mais de 39 milhões de inscritos, ficando atrás somente do canal KondZilla, que possui cerca de 57 milhões de inscritos.

Com o passar dos anos, a vida profissional deste artista não ficou restrita apenas aos vídeos publicados no Youtube, todavia, foi contratado como garoto propaganda de marcas famosas⁵, possui inúmeros fã-clubes, iniciou shows estilo comédia *Stand-up*⁶, é reconhecido nacional e internacionalmente como celebridade, sendo, por vezes, adjetivado como “o fenômeno da internet”⁷, além de ter atuações em filmes ao lado de grandes comediantes nacionais, como Tom Cavalcante e Tirulipa, por exemplo; contracenando, também, com outros *influencers* nordestinos como Gkay, Rafael Cunha, Carlinhos Maia e a atriz potiguar Titina Medeiros, em “Os Roni” – programa humorístico do Multishow.

Conforme Medeiros e Santana (2019, p. 49) *apud* Grindstaff (2014) e Serelle (2015) artistas como Nunes se enquadram no campo das “celebridades ordinárias” um termo adotado para designar

[...] uma grande variedade de tipos de sujeitos comuns que se tornam famosos em alguma escala – do participante de *reality show* ao *vlogger* que se apresenta num canal do *Youtube*, mas que, de maneira geral e como ponto em comum, constroem, projetam e exploram a imagem nas redes sociais, fazendo da *performance* da própria vida cotidiana um trabalho devidamente monetizado.

A performance da própria vida cotidiana, segundo Souza, Medeiros e Santana (2017, p. 7) *apud* Schechner (2003, p. 33), é uma “ação feita de pedaços de ‘comportamentos restaurados’, que são previamente exercidos, recombinaos em uma possibilidade de variação infinita [...] marcadas, emolduradas ou acentuadas, separadas do ‘simples viver’”, pois, a partir do momento em que refletimos nossas ações, atribuindo-lhes objetivos a serem atingidos, nosso cognitivo

⁵ A operadora telefônica Oi; o fastfood Bob’s e o Banco Neon, por exemplo.

⁶ De acordo com o Dicionário Informal online, este termo nomeia um estilo de comédia em que um único comediante se apresenta contando piadas, geralmente em pé.
Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/stand+up/> - Acesso em 08/03/2020

⁷ “A história de Whindersson Nunes! O fenômeno da internet” – Canal *Nando Pinheiro*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Cma7mI5RO_w – Acesso em 08/03/2020

introduz uma consciência capaz de performá-las, caracterizando, conseqüentemente, o fator identitário, que é, por vezes, a depender da região do falante, estigmatizado ou valorizado.

Essa estratégia em tornar o cotidiano engraçado causa identificação com quem ouve, provoca risos e, conseqüentemente, conquista plateias, por isso, é bastante comum no universo humorístico. Anterior a Nunes, por exemplo, quando o advento da internet e as mídias digitais sociais ainda não eram tão presentes no dia a dia das pessoas, no âmbito do humor regional nordestino destaca-se Nairon Barreto, natural de João Pessoa – PB, artisticamente conhecido como “Zé Lezin”. Após ter participação na *Escolinha do professor Raimundo*, a fama nacional desta personalidade é derivada do seu jeito particular em fazer humor sobre sua região, pois apresenta-se com linguagem e trajes típicos nordestinos: blusa xadrez – mais utilizada pelo nordestino em época de São João, festa tradicional característica da região –, sandália e chapéu de couro, o que acreditamos ser, portanto, estratégia do artista para gerar identificação e causar humor.

Um fator importante a ser observado na personagem de Nairon consiste no nome escolhido para tal. “Zé” é uma abreviação do nome “José”, bastante comum na região nordeste, que às vezes torna-se apelido ou uma forma de chamar alguém cujo nome é desconhecido pelo enunciador do primeiro discurso. Já o “Lezin” é uma derivação do adjetivo “leso”, utilizado para caracterizar pessoas com raciocínio lento, bobas, amalucadas. Assim, diante disso e conforme o estilo do humor adotado, mesmo que indiretamente o humorista estereotipa o perfil nordestino, pois compreende-se que as pessoas que moram no Nordeste, de forma geral, comportam-se da maneira em que ele fala e veste: matutas e risíveis.

Não é raro encontrar personalidades de outras regiões do Brasil, também do universo humorístico, fazendo piadas a respeito do jeito de falar, vestir, cultural e até mesmo do clima da região Nordeste. Todavia, nestas ocorrências, são tratadas como xenófobas. Porém, quando discursos desta natureza são emitidos pelos próprios nordestinos, a exemplo de Nunes, em alguns trechos de fala nos seus stand-ups, a xenofobia abre espaço para o engraçado, provocando, muitas vezes, apenas o riso, deixando de lado a reflexão acerca do preconceito linguístico e identitário com o povo do nordeste.

3 METODOLOGIA E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Uma vez que buscamos compreender de que forma a variação linguística diatópica contribui para a construção da identidade nordestina nos discursos de Whindersson Nunes, este trabalho consiste, especificamente, em uma pesquisa de natureza qualitativa, haja vista que, conforme afirma Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Assim, no material selecionado e na análise dos trechos elencados, foram observados: a) quem diz; b) o que diz; c) para quem diz; d) quando diz; a fim de perceber as os valores semânticos, sintáticos, fonéticos, fonológicos e contextuais inerentes aos discursos diatópicos do humorista.

Para além disso, quanto aos procedimentos técnicos empregados, valemo-nos da pesquisa documental, tendo em vista que a análise investigativa tem o documento como objeto de investigação. É importante salientar que, conforme Figueiredo (2007), o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos, podendo ser filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres, que servem como fontes de informações, indicações e esclarecimentos de conteúdos para elucidar determinadas questões, e servir de provas para outras, a depender do interesse do pesquisador. Nesse contexto, a pesquisa documental é destacada no momento em que podemos organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta. (FREITAS e PRUDANOV, 2013, p. 56).

Considerando o estudo de Gil (2008) *apud* Freitas e Prudanov (2013) o *corpus* desta pesquisa enquadra-se no âmbito dos documentos de primeira mão, haja vista que não recebeu qualquer tratamento analítico anteriormente. Ainda conforme Freitas e Prudanov (2013, p. 56) “todo documento deve passar por uma avaliação crítica por parte do pesquisador, que levará em consideração seus aspectos internos e externos”, analisamos aqui a natureza social dos discursos de Nunes, atentando-se para o tempo e circunstâncias nas quais eles foram produzidos.

3.1 Procedimentos de coleta

Foram observados trechos de fala do humorista Whindersson Nunes, nas plataformas digitais *Youtube* e *Netflix*, em que aparecem a variação diatópica, associada à performance, como elemento representativo da identidade social nordestina. Ao todo, analisamos fragmentos de fala em que a variação diatópica se materializa nos níveis morfológicos, sintáticos, semânticos e fonéticos, a fim de retratar e evidenciar a identidade cultural e regional do povo do Nordeste

brasileiro, destacando a contribuição da variedade linguística diatópica para a construção do perfil nordestino no objeto de estudo desta pesquisa científica.

A partir dos pressupostos da Sociolinguística, nosso trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo analítico de discursos em cenas selecionadas, já que estas, especificamente, retratam a fala nordestina como elemento da cultura popular brasileira e, para além disso, evidenciam a função da variação linguística como recurso criador de identidade social.

Isto posto, os parâmetros para a seleção das cenas e discursos estão associados ao interesse em realçar a identidade linguística do povo do Nordeste brasileiro para o restante do país, que, por vezes, é estigmatizada por puristas da língua através do preconceito linguístico, e também em evidenciar que muito do vocabulário nordestino é inerente aos padrões informais, dependendo da situação discursiva em que os falantes estão inseridos.

No tópico seguinte, refletiremos acerca das variações da língua, bem como a importância de conhecê-las e compreendê-las, para que não sejamos propagadores do preconceito linguístico originário do mito do monolinguísmo (BAGNO, 1999), no qual crê-se que a língua é homogênea, pura e não apresenta qualquer tipo de variação.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Contribuições sociolinguísticas

A Linguística é uma ciência que apresenta diferentes escolas teóricas que se distinguem, sobretudo, pela maneira como explicam o fenômeno da linguagem. Uma dessas escolas se preocupa, de maneira específica, com as relações entre linguagem, sociedade e cultura. Essas especialidades são de responsabilidades da Sociolinguística, que tem como objetivo principal estudar analiticamente a língua em seu funcionamento real, efetivo, considerando-a uma entidade multiforme, variável, mutável e influenciada por diversos fatores.

De acordo com o vol.5 do módulo “Sociolinguística: surgimento, objeto e objetivos” (S/D. p. 17-23), da EAD da UESC, a Sociolinguística surge num contexto em que vários estudiosos buscavam estabelecer relações entre linguagem e aspectos imanentes à natureza social e cultural. O fundamento básico desta área de estudo é que não existe sociedade sem linguagem, nem sociedade sem comunicação. Desta forma, os indivíduos e a sociedade se engendram e se particularizam na e pela língua(gem), não podendo, portanto, língua(gem) e sociedade estarem desentrelaçados, uma vez que uma influencia e determina o comportamento da outra.

Tendo essa concepção em raciocínio, e inquietos com as correntes teóricas que abstraíam a língua de seu uso real (Gerativismo de Chomsky, e Estruturalismo de Saussure), estudiosos como William Bright, Dell Hymes e William Labov contribuíram para a instauração da Sociolinguística como corrente científica. Tal acontecimento se deu em um congresso realizado na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, 1960⁸, quando esses e outros analistas passaram a argumentar que não se deve estudar a língua sem considerar a sociedade em que é falada.

Conforme Alkmim (2001), William Bright defende que o papel da Sociolinguística é tornar conhecida a variação simultânea entre estruturas linguísticas produzidas em uma comunidade e as distinções na estrutura social desta mesma comunidade. Desta forma, para Alkmim (2001), para que se compreenda a diversidade da língua, é preciso considerar fatores sociais como a identidade social dos interlocutores, o contexto social da mensagem e o julgamento social que os usuários da língua fazem dos seus usos.

⁸ É importante destacar que embora o surgimento da Sociolinguística esteja associado à década de 1960, a preocupação em relacionar linguagem e sociedade aparece em reflexões de estudiosos no início do séc. XX. Antoine Meillet (1905-1906), um dos alunos de Saussure, defende que uma língua existe independente de alguns de seus falantes, haja vista que ela se encontra através da soma de seus indivíduos, ou de seus enunciados, sendo, portanto, uma instituição social. (SILVA, D. M; MILANI, S. E. 2013, p. 8)

Dell Hymes, ainda segundo Alkimim (2001), por ser antropólogo, defende a Etnografia da Comunicação que, apoiada na Etnologia, na Psicolinguística e na Linguística, busca definir as atribuições da linguagem com base nas observações da fala e das regras sociais de cada comunidade.

Todavia, embora os estudiosos acima mencionados sejam de grande importância para os estudos sociolinguísticos, William Labov é o nome mais conhecido da Sociolinguística, haja vista que, com seus trabalhos que revelaram os padrões sociais dos falantes da ilha de Martha's Vineyard⁹, litoral de Massachusetts, e a estratificação social do inglês, em New York, ele fundou a “Teoria da Variação”, revelando que uma mudança linguística não pode jamais ser entendida desassociada da comunidade na qual ela ocorre, nem muito menos estigmatizada como inadequada, mas respeitada como uma variação detentora de suas próprias regras gramaticais.

De toda forma, com o surgimento da Sociolinguística, tornou-se possível revelar que variações e mudanças linguísticas ocorrem de maneira sistemática e são motivadas não só por fatores internos, mas, também, por fatores externos diversos. Assim, a variação linguística é um fenômeno universal que ocorre em qualquer língua, podendo ser analisada e descrita de maneira científica, dentro de um contexto e uma comunidade social, que também é influenciada pela história e pela cultura dos indivíduos que dela fazem uso.

Diante do exposto, mostraremos agora que a variação linguística se materializa de diversas formas. Assim, explanaremos concisamente os tipos de variação que contribuem para as modificações linguísticas, reconhecendo que a variação é um fenômeno natural presente em qualquer que seja a língua.

4.2 Tipos de variedades linguísticas

Conforme Ilari e Basso (2006, p. 152), as expressões características para nomear as variações são, à primeira vista, estranhas. Porém, conforme o estudioso for se familiarizando com a etimologia, os conceitos ficarão bastante transparentes.

Dos tipos de variação da língua, no universo sociolinguístico, segundo a aula 2 “Variação Sociolinguística: tipos”, do vol.5 do módulo da EAD da UESC (S/D. p. 43-60), destacam-se:

Variação diastrática: etimologicamente originária do grego *dia* (através de) e *stratum*

⁹ A curiosidade do pesquisador se deu em virtude de compreender se as mudanças sociais na comunidade da ilha de Martha's influenciavam na centralização ou não dos ditongos [ay] e [aw] já que esta população, além de ser afastada do continente norte-americano, era separada em uma parte urbana e outra rural, contendo até mesmo algumas aldeias indígenas.

(estrato, camada). Assim, corresponde às distintas formas produzidas pelos falantes de determinadas camadas sociais. (Ex.: falares característicos de indivíduos com diferentes escolaridades; discurso jurídico; dialetos caipiras etc.).

Varição diacrônica: etimologicamente originária do grego *diá* (através de) *khronos* (tempo). Assim, se refere as variações apresentadas conforme o passar o tempo. (Ex.: as transformações ocorridas nos vocábulos farmácia (*pharmacia*) e fósforo (*phosforo*), antes escritas com /ph/ fonético /f/).

Varição sincrônica: Em oposição à variação diacrônica, esta origina etimologicamente do grego *syn* (juntamente) e *-chrónos* (tempo), e ocorre num recorte do tempo.

Varição diafásica ou estilística: originada do grego *diá* (através de); *phásis* (modo de falar), se refere aos diferentes usos que o indivíduo faz da língua, dependendo a situação de comunicação em que ele está inserido. (Ex.: a forma como falamos em uma apresentação de trabalho acadêmico X a maneira como conversamos entre amigos, no corredor da faculdade) Vale salientar que essa variação apresenta-se tanto na forma oral, quanto na escrita. Escrever um artigo acadêmico, por exemplo, requer mais formalidade que escrever um bilhete a um amigo. Trata-se, portanto, do estilo conversacional de cada pessoa, em detrimento do momento discursivo.

Varição diamésica: originada do termo *dia* (através de) e *mésos* (meio), é, portanto, aquela que se apresenta no discurso oral e escrito. Ao escrever um texto, por exemplo, você pode reformulá-lo quantas vezes quiser e for necessário. Todavia, por ser a fala um fenômeno instantâneo e não planejado, (por mais que se ensaie um discurso, no momento de fala, ele não ocorrerá tal qual planejado), não há possibilidades de apagar o que foi dito, podendo apenas reapresentar a ideia reformulada, apontando acréscimos e novas informações.

Varição diatópica: etimologicamente originário do grego *diá* (através de); *topos* (lugar), se configura pelas diferenças apresentadas em virtude do espaço geográfico do falante. De outra forma, é a língua falada em diferentes lugares: num mesmo país ou país diferente, numa região, num estado, e até mesmo em uma mesma cidade, considerando zonas urbanas e rurais. Esta pode-se materializar **lexicalmente**, quando os indivíduos se apropriam de palavras diferentes para um mesmo objeto (Ex.: tangerina, bergamota, laranja cravo etc.); **fonético-fonologicamente**, quando ocorrem distinções fonéticas nas pronúncias de uma letra. (Ex.: a pronúncia do /r/ medial-vocálico-consonantal pelos moradores paulistas nas palavras *porta*, *força*, *Marta*, *morta*, *corta*...) **semanticamente**, quando uma mesma palavra é utilizada com significados totalmente diferentes. (Ex.: A palavra *rapariga*, em Portugal, significa moça. Já no Brasil, este léxico possui sentido pejorativo, geralmente usado para se referir a uma prostituta); e **morfosintaticamente**, referente a estrutura das frases. (Ex.: Os pronominais *tu* e *você*, de

segunda pessoa. O *tu* é mais comum na região Sul do Brasil, porém, a forma *você* é mais utilizada no restante do país. Vale salientar que o *tu* é mais recorrente com a forma verbal correspondente à terceira pessoa: *tu vai*, e não *tu vais*; *tu é* e não *tu és*.)

Para que fiquemos mais inteirados deste tipo de variação da língua, especificamente, pela natureza da pesquisa, façamos a leitura do poema a seguir, observando os traços linguísticos do eu-lírico:

Óios redondo¹⁰

Nesta vida aperriada
Pra me livrá das furada
Destes teus óios redondo,
Caboca onde é que eu me soco
Caboca onde eu me coloco?
Caboca onde é que eu me escondo?

Pra me esquecê dos teus óio
Eu canto, eu grito, eu abóio,
Faço tudo que é preciso,
Mas por onde eu vou passando
Sinto teus óio briando
Por dentro do meu juízo.

Meu padecê, minha cruz,
É tuas bolsa de luz
Que me dêxa incandiado,
Estas duas jóias prima
Com a força de dois íma
Me puxando pra teu lado.

Vendo os teus óio prefeito
Sinto entrando no meu peito
Dois ferrão de marimbondo
Caboca, não seja ingrata,
Tu me martrata e me mata
Com esses óio redondo.

Me tire desta sentença,
Tu só parece que pensa
Que eu não tenho coração,
Tu me amofina e me aleja
De ruêdera, de inveja,
De ciúme e de paixão.

Sabe quá é a mezinha
Pra essa doença minha?
Pergunta que eu te respondo,
Era se tu me quisesse
E de coração me desse
Estes teus óio redondo.

¹⁰ ASSARÉ, Patativa do. **Óios redondo**. In.: Ispinho e Fulô. _____ . São Paulo: Hedra, 2012. p. 141-142.

Notadamente, com a leitura do poema, percebemos que apesar da oralidade ter ganhado suporte escrito, sua materialização persiste e apresenta traços e valores peculiares de uma região linguística. Os dialetos e sotaques¹¹ próprios do interior nordestino brasileiro foram mantidos [óio; aperriada; martrata; padecê; amofina; caboca; pergunta; quá; briando; esquecê; ruêdera; meizinha etc.] e traduzem o discurso do sujeito cultural-regional, sobretudo na forma como ele se relaciona com elementos do seu cotidiano e realidade rural, no caso do poema, uma mulher a quem o eu-lírico deseja viver um romance. Estes elementos nos permitem identificar a natureza social e regional do sujeito lírico: um indivíduo do interior nordestino, comumente rotulado como matuto. Ademais, os vocábulos adotados e a maneira como foram escritos quase que automaticamente nos fazem projetar a imagem física do falante, sendo esta não tão diferente daquela veiculada nos grandes meios de comunicação, uma vez que as representações sociais relacionadas a estes sujeitos e elementos linguísticos são caricatas, despertando reações variadas nos membros de determinadas comunidades de língua, por vezes, de aceitação, por outras, de rejeição.

Não é raro que nordestinos sejam alvos de críticas pelo seu jeito de falar, e não se sintam contemplados nas representações de seus perfis em novelas, filmes, programas/shows humorísticos etc., porque são, na maioria dos casos, “caricaturados”, transmitindo uma imagem infiel, distorcida e, até mesmo desrespeitosa da realidade social e linguística de sua região; por isso, normalmente ouvem/leem que seu jeito de falar é feio, estranho, errado... Os aspectos físicos, culturais, dialetais e sotaques são estereotipados com o intuito de projetar imagens sociais e viram alvo de “avaliações” cujas fundamentações não são apenas na norma padrão gramaticalmente estabelecida, mas em princípios políticos e culturais-sociais, enraizados desde a colonização do Brasil, quando o Nordeste foi deixado de lado em virtude das descobertas em Minas e São Paulo.

Alkimin (2001, p. 42) afirma que “julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social”. Assim, a maneira como os indivíduos são representados, sobretudo nos veículos de comunicação de massa, influencia diretamente na sua aceitação ou não por parte da sociedade. É importante que se tenha consciência de que muitas vezes as exibições não estão totalmente ligadas à realidade, cabendo-nos a compreensão de que os indivíduos agem linguisticamente também influenciados pelos meios externos à língua, nos

¹¹ É importante destacar aqui a diferença entre dialeto e sotaque. Conforme o módulo 3 da EAD da UESC (S/D. p. 75-88) o dialeto, além de ser caracterizado pela pronúncia, pode também apresentar diferenças de gramática e de vocabulário. Já o sotaque é restrito a variedades de pronúncia (p. 78).

quais as variações são aprendidas e organizam-se em sistemas gramaticais coerentes e compreensíveis no ato conversacional, de tal modo que se constitui um equívoco ignorar tais fatores ou rotulá-los como erros.

Com esses princípios, percebemos que, por natureza, toda a língua é heterogênea e variável. A Sociolinguística permite-nos mostrar que a heterogeneidade linguística está diretamente relacionada à heterogeneidade social: se os falantes são vários e estão em constante mudança, é normal e aceitável que ela também assim se apresente.

Diante do exposto, tendo conhecimento das variações linguísticas em seus tipos e níveis mencionados, para realização deste estudo, optamos por nos ancorar na variação diatópica, já que pretendemos abordar uma discussão regionalista evidenciada no objeto de estudo desta pesquisa científica, embora saibamos que as variações estão relacionadas entre si, sendo, muitas vezes, impossível desassociá-las em um processo de análise.

4.3 Língua, Identidade e Regionalização

No tópico anterior expomos, mediante exposição dos tipos e níveis de variação da língua, que não é possível afirmar uma homogeneidade linguística, uma vez que se trata de um fenômeno natural em constante transformação em virtude dos usos que os indivíduos fazem dela.

Em *O milagre de Anne Sullivan* (2000) a personagem Anne afirma que *a linguagem é mais importante para o cérebro que a luz para os olhos*. Desta forma, percebemos que independente de limitações internas ou externas, estamos, o tempo todo, necessitando/produzindo linguagem, nos comunicando com os nossos semelhantes. Neste exercício natural da comunicação, o discurso configura-se imprescindível e, portanto, passível de ponderações.

A língua(gem) é o meio pelo qual os indivíduos agem socialmente desde os primórdios de sua existência quando, ainda crianças, em processo de aquisição da língua materna, interagem com o ambiente e os seres, e deles tentam extrair significados. Neste processo interativo e aquisitivo está inerente, também, a aquisição de uma identidade social. A família é a primeira instituição com a qual temos contato e nos posicionamos enquanto sujeitos, construindo personalidades, discursos etc. A respeito disso, Silva (2006, p. 23) diz que

A interação indivíduos e família baseia-se na relação de seus membros com os mais diversos grupos sociais, pois a família se constrói num determinado momento sócio-histórico e, reflete, portanto, as representações sociais deste contexto. Consequentemente, as identidades são formadas a partir da interação do sujeito com a família, a religião, o trabalho, a escola, as instituições reguladoras, etc.

Assim, diante das práticas enunciativas, fica clara a pluralidade de instituições formadoras de identidade e sujeitos com os quais temos contato, de tal forma que fica sempre em nós uma parte do outro e vice-versa. Silva (2006, p. 25) afirma que “é na interação entre o ‘eu’ e o(s) ‘outro(s)’ que as identidades sociais são construídas”. Ademais,

As identidades dos nossos interlocutores são por nós (re)construídas no discurso, da mesma forma como as nossas são-no por eles. As identidades são fundadas nos processos discursivos que perpassam a formação do sujeito. Por meio do discurso, o sujeito tanto reproduz o social, quanto age sobre ele. (MOITA LOPES, 2002, p. 62 *apud* SILVA, 2006, p. 25)

Na premissa de que as identidades são construídas nos discursos, e tendo em vista as hierarquias linguísticas gramaticalmente estabelecidas, é inegável que também haja uma arbitrariedade identitária: uma, de prestígio, outra, estigmatizada. Sobre isso, dedicaremos as linhas seguintes.

Aceitações identitárias decorrem de fatores externos, sejam eles de ordens sociais, políticas, culturais, econômicas etc. A história de “descobrimento” do Brasil, por exemplo, revela-nos um exemplo claro de poder que uma identidade exerce sobre outra: o indígena, nativo, teve a identidade aos poucos dissipada pela do português colonizador. A catequização configurou-se um ato de imposição do “certo”, excluindo o “selvagem” por este não está no núcleo duro de aceitações.

Na situação acima mencionada, a mudança de língua ocasionada pela colonização – tupi pelo português – revela os interesses político-econômicos e culturais, mais precisamente, implícitos na dominação. Este registro tem resquícios bem presentes na contemporaneidade haja vista que

Quando uma variedade de língua é eleita variedade padrão, ela ganha alta condição social (status) e passa a ser instrumento de dominação sobre as demais variedades que passam a ser consideradas inferiores, devido a uma visão preconceituosa, perpetuada de alguma maneira pôr meio das regras impostas pela gramática da língua escrita, que legitima a linguagem padrão como única. (TELES, S/D, p. 2)

Nestas condições, algo fica-nos claro: língua é identidade, e é por meio dela que agimos socialmente, mostramos o nosso lugar no mundo e (re)construímos a nossa própria história a partir de representações enunciativas, mais precisamente, àquelas evidenciadas pela variação diatópica, que revela a importância e a necessidade de compreender para, assim, preservar e difundir os valores linguísticos de um determinado local/povo, considerando as diferenças existentes entre eles. Afinal, é na diferença que nasce a identidade.

Castells (2001, p. 24) *apud* Silva (2006, p. 21 e 22) elenca três formas de identidades que são marcadas pelas relações de poder, sendo elas:

Identidade legitimadora, Identidade de resistência e Identidade de projeto. A primeira, “é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade com o intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. A segunda, refere-se “às resistências criadas por atores que se encontram em posições desvalorizadas e estigmatizadas.” A terceira, “ocorre quando os atores sociais utilizam-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance e constroem uma nova identidade social capaz de redefinir sua posição na sociedade.”.

Por não enquadrar-se nos padrões linguístico-identitários, o regional encontra-se em posição de resistência, procurando um modo de existir no tempo histórico e subjetivo, defendendo e propagando traços culturais que os marcam nas diferenças. O Nordeste é, segundo Albuquerque Júnior (2011) *filho da ruína antiga da geografia do país, segmentada entre “Norte” e “Sul”*. Posterior a esta segmentação, quando o espaço de referência brasileira centrou-se em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, restou para o Nordeste as grandes distâncias até esses locais, a ausência de transportes e deficiência nos meios de comunicação, separando-o do espaço de privilégio, deixando, para essa ruína, a marcação do atraso, do arcaico, do não globalizado etc.

Essa visão de ruína ainda é presente e funciona como traço indicador de identidade para a região do oprimido. O regionalismo de superioridade é sustentado na depreciação dos outros, ainda que estes tenham passado por evoluções sociais e já não se encontrem mais nos perfis traçados. O que torna uma regionalidade visível é aquilo que é dizível a respeito dela, seja negativo ou positivamente.

Nesse contexto, a *identidade de projeto* é o meio pelo qual os indivíduos resistentes têm para (re)construir a imagem de um espaço dado, redefinindo sua posição identitária, social e linguística, fundamentados naquilo que é dizível e real.

No referente a (re)construção desta identidade, discutiremos, no tópico seguinte, acerca do preconceito com a língua falada no Nordeste brasileiro, o qual precisa ser impugnado, uma vez que não podendo ser a língua desassociada do indivíduo, é inegável que ela se apresente multiformemente.

4.4 Variação linguística e o preconceito com a língua

Imaginar que a língua está desassociada do indivíduo em sociedade, considerando-a um objeto externo que não nos pertence e é de difícil acesso, faz despertar em muitos de nós a ideia de que as variações são erros e que todo e qualquer modelo que não seja sustentado na norma

padrão, gramaticalmente estabelecida, constitui um “atentado ao idioma” ou até mesmo um “pecado contra a língua”, como aponta Bagno (1999), um dos nomes mais influentes da Sociolinguística quando se trata de preconceito com a língua.

Segundo Bagno (1999), a discriminação com base no modo de falar de um indivíduo tornou-se comum e natural na sociedade brasileira. Os “erros” cometidos por pessoas de níveis escolares mais baixos, analfabetos ou semianalfabetos, pobres e pessoas marginalizadas, são cada vez mais criticados por uma elite que “disputa” quem sabe mais sobre nossa língua. Para este autor, o que se sabe sobre a gramática normativa tem muito frequentemente sido usado como mecanismo de distinção e dominação pela população culta. Todavia, para que se construa uma sociedade tolerante com o que se mostra diferente, “é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos lingüísticos sejam respeitadas e valorizadas”, defende o autor.

Para Bagno, o preconceito lingüístico faz com o que os indivíduos se sintam constrangidos, humilhados e até intimidados a falar, com receio de cometer algum “erro” de Português. Todavia, este mesmo autor (1999) assegura que o “erro” que tanto amedronta indivíduos, na verdade, não existe. Para ele, o que existe no português, e em qualquer outra língua, são variações características das apresentadas no tópico 3.1 deste trabalho, que, por mais que se desviem do tradicionalismo gramatical, devem ser consideradas e respeitadas, já que ambos constituem uma língua que não é estanque e invariável.

Convém destacar que os sociolinguístas não são a favor do desprezo à norma culta. O que acontece é o contrário. Bagno também afirma que deve ser esta a base do que é ensinado na disciplina de língua portuguesa, nas escolas. Todavia, se faz preciso entender que essa norma geralmente se faz presente pela população culta do país, e não se trata de um fenômeno materializado apenas na gramática, que ninguém usa. A crítica que Bagno (1999) faz ao ensino de algumas normas, é que ainda existem professores de português apegados a ensinar regras que já estão obsoletas. Ao invés disso, ele orienta que os docentes ajudem os alunos a desenvolver capacidades de expressão e reflexão lingüística, deixando de lado a metodologia de ensino que faz a língua parecer um modelo fixo e que determinada forma é a correta, fazendo com o que muitos discentes caiam no pensamento de que não sabe português e até mesmo desenvolvam um desprezo à disciplina.

Para Bagno (2007) a língua é um fenômeno vivo e sempre passível de evolução. Portanto, se faz preciso uma reeducação lingüística, proporcionando o (re)conhecimento e respeito às diversas formas de materialização da comunicação lingüística, para que então possamos evoluir a uma sociedade em que os indivíduos não se sintam constrangidos ou intimidados pelo seu jeito de fala, mas que saibam ser políglotas da própria língua.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Sobre o preconceito linguístico-identitário

Vimos, no tópico anterior, que há a necessidade de uma sociedade onde os indivíduos não se sintam constrangidos ou intimidados pelo seu jeito de fala. No vídeo *Sotaque*, Nunes afirma ter sido alvo de preconceito pelo seu sotaque¹², e que muitas pessoas tiveram que “engolir” sua identidade linguística. O humorista diz que, no começo de seu sucesso, uma matéria com a manchete “Que surpresa! Um dos canais que mais cresce no Brasil é nordestino.” trazia, em seu corpo do texto, somada a ideia de que nordestino não nasceu para a fama, discursos preconceituosos a respeito da fala do artista, desqualificando e desprestigiando seu sotaque e dialetos, como se o que ele falasse fosse errado e incompreensível. Esse tipo de pensamento advém da arbitrariedade identitária comentada no tópico 4.3 desta pesquisa, quando um sujeito é estigmatizado em favor do prestígio de outro. Se refletirmos acerca disso, notadamente perceberemos que, para que haja o errado, é preciso, então, existir o que é certo, cultural e socialmente estabelecidos. E já não é novidade para nós a posição estigmatizada que o Nordeste(ino) encontra-se na sociedade, estando sempre em busca de ascensão, sendo resistência quanto aos seus aspectos culturais, linguísticos e, portanto, identitários.

Em *Whindersson Nunes em Marminino (show completo)* - (recorte de tempo 1:08min. – 4:21min.) - o humorista utiliza do palco, no início de seu show, para desconstruir o pensamento caricato acerca do nordeste e nordestinos. Nunes afirma que assim que iniciou suas viagens pelas demais regiões do Brasil, à trabalho, repetidas vezes foi vítima de preconceito linguístico e identitário. Segundo ele, as pessoas “de fora” do Nordeste pensam que aqui “só tem sol e calor”, não podendo, um nordestino em São Paulo, sentir calor, por já estar acostumado com o clima da região. Por o verem bem, pele clara e de aspecto saudável, questionam: “Ah, e tu não é do Nordeste, não? [...] Tu é do Piauí, mesmo? Porque tu é tão branquinho.”. Nas palavras do humorista, o nordestino, para as demais pessoas, “tem que ser queimado de sol, sofrido. Ir buscar água ao meio dia com um balde d’água na cabeça, com oito irmãos desnutridos [...] tudo com sono para ficar mais pobre”. Percebemos, nestas falas, a permanência do discurso regional uno, salientado por Albuquerque Júnior (2011), que unifica os sujeitos e esquece as diferenças existentes entre eles. Há bastante tempo, como já abordado, o Nordeste deixou de ser o espaço

¹² É importante destacar aqui que, no vídeo, o humorista se vale do conceito de sotaque para referir-se aos dialetos específicos de sua região. Sabemos que assim o faz por não ter conhecimento científico sobre tais elementos linguísticos.

da seca, da fome, do sofrimento, do atraso. Embora essa ainda seja uma realidade na região, em virtude de fatores geográficos e político-econômicos, ela é em proporções menores, e não representa as evoluções sociais já existentes.

Seguidamente a este exemplo, Whindersson traz a imagem do nordestino como alguém “diferente das pessoas de fora”, ressaltando essa diferença como marcadora de um povo que não mais sofre com os estereótipos ainda propagados, mas que é feliz e que “em toda situação faz um carnaval”, evidenciando os traços receptivos, acolhedores e bem humorados dos sujeitos dessa região.

Em *Whindersson e o sotaque mais bonito do Brasil*, vídeo que gravou juntamente ao humorista Felipe Neto, ao ser indagado se já sofreu preconceito por ser nordestino, Nunes diz que a pergunta correta deveria ser quando foi que ele não sofreu preconceito por ser dessa região. Ele acrescenta em seu discurso a ideia aqui apresentada por Albuquerque Júnior (2011), ligada ao senso comum culturalmente propagado de que o espaço do sucesso não é para nordestino; para este povo, resta a seca, o sofrimento, a fome, o retrocesso etc. Apesar de Whindersson alegar não mais importar-se com esses tipos de comentários, Neto acrescenta à fala dele que tudo isso é resultado de uma sociedade xenofóbica, ficando para nós a reflexão que sugere Bagno (2007) sobre a reeducação sociolinguística, que “é uma proposta de pedagogia da variação linguística que leva em conta as conquistas da ciência da linguagem, mas, também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida”. Desta forma, considerando a escola como instituição formadora e reformuladora de pensamentos, se faz necessário um ensino que não tem nada a ver com “correção” ou substituição de um modo de falar por outro, mas que parte do conhecimento linguístico do aluno que, mesmo na escola para aprender um pouco mais sobre sua língua materna, já é senhor dela, uma vez que se comunica com o ambiente e os demais indivíduos nele contidos.

Refletindo ainda acerca dos sotaques, os humoristas alegam haver uma caricaturização quanto aos da região Nordeste do Brasil. Existe um pensamento comum equivocadamente de que todo nordestino possui pronúncia específica dos baianos, quando, na realidade, o que existe é uma pluralidade de sotaques e dialetos nos estados que compõem a região e, quiçá, dentro dos próprios estados, se considerarmos contextos geográficos urbanos e rurais, por exemplo.

No tocante à minimização do preconceito linguístico, Nunes e Neto afirmam não existir sotaque feio, mas sim uns que agradam e outros não, variando conforme a receptividade de cada indivíduo. Tal pronunciamento constitui-se relevante, uma vez que o discurso dessas personalidades alcança públicos variados, de idades e localidades diferentes, o que contribui na reformulação do pensamento de certo/errado, evidenciando a existência das variações e a

importância delas no universo linguístico, considerando, também, o sujeito enquanto senhor de sua língua, capaz de utilizá-la multiformemente, respeitando os contextos comunicativos.

Percebemos, em todos os vídeos/recortes de tempo bases para esta pesquisa, o interesse de Nunes em romper com os estigmas associados ao nordeste(ino) quanto à cultura, língua e sua identidade mundo afora. Todavia, também percebemos que, ao emitir certos discursos e performances, ainda que de forma inconsciente, ele acaba por propagar esses estereótipos já enraizados, que mostram o povo do Nordeste demasiadamente rural e que não evoluiu, e que ele mesmo tentava desconstruir. Prova disso encontra-se no recorte de tempo 33:48min. – 35:00min. do *stand-up* “Whindersson Nunes: Adulto”, na Netflix, quando o humorista conta como se deu o encontro entre familiares e amigos dele, nordestinos, com os da sua ex-mulher, Luísa Sonsa – também do universo célebre, gaúcha – no casamento deles, ocorrido em 2018, em Maceió. Ao encenar tal encontro, Nunes se vale dos seguintes discursos e performance estereotipada: “os amigos e familiares dela vieram do Rio Grande do Sul, de avião” – diz isso em tom singelo, exprimindo delicadeza e erudição. Em oposição, ao falar de seus familiares e amigos: “os meus amigos do Piauí tudo de ônibus (imita o som de um transporte velho, quebradiço – causando o riso na plateia) e acrescenta: “quando chegaram as duas famílias, uma do lado da outra, meu irmão! O contraste é muito forte! Tu é doido! Desciam os parentes da minha mulher do carro, pareciam o Thor! Incrível! (Exprime algo digno de admiração). “Quando desciam os meus...” (pausa e rir, envergonhado, dizendo que fica até enjoado ao lembrar-se da cena) “ô povo feio, tudo fora de esquadro, não tinham um ombro na mesma altura do outro, e as amigas da minha mulher *ainda* queriam achar um namorado no meu casamento, mas o mais bonito dos meus amigos caminhava assim” (imita um manco, puxando a perna).

Sobre esse comportamento discursivo, o humorista alega ter consciência de que acentua as diferenças para provocar o riso, o que nos fica claro o quanto esses estereótipos são de fácil aceitação e que continuarão servindo de argumento para a reprodução de um Nordeste não contemporâneo e não globalizado, que não condiz com o atual.

5.2 Os discursos humorísticos e a materialização da variação diatópica para a representação da identidade nordestina

Com base nos pressupostos da Sociolinguística, nas análises dos trechos de fala presentes em nosso *corpus* encontramos algumas variações referentes aos tipos e níveis linguísticos discutidos no tópico 4.2 desta pesquisa. Tal análise revela que nestes discursos se materializam quatro níveis

linguísticos da variação diatópica, desde a escrita da palavra até o seu fonema, a citar: nível morfológico, lexical, sintático e fonético.

No tocante ao nível morfológico, não raro encontramos sujeitos que fazem uma “alteração” na estrutura da palavra, mudando apenas alguma(s) letra(s), mas o sentido permanece inalterado. Nunes, por exemplo, no decorrer dos vídeos aqui selecionados, utiliza termos como [zoto] e [bunitim] que correspondem, respectivamente, a [outros] e [bonitinho]. No primeiro exemplo, se segmentarmos os morfemas, teremos três significados: /zot/ que carrega o significado lexical; /o/ que carrega o significado de gênero, masculino, e número, singular. Já no segundo exemplo, segmentando, teremos: /bunit/ significado lexical; /im/ designativo de gênero, masculino, e número, singular. Notemos que a alteração nas palavras não foi capaz de modificar os sentidos originais destas, deixando-as ainda compreensíveis.

Devemos nos ater, também, ao metaplasmo da Assimilação bastante presente na oralidade. Coutinho (1984, p. 143) defende o conceito de Assimilação como sendo “a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que um exerce sobre o outro”, já Bagno (2013, p.77) aponta como “a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes”. É o que ocorre quando Nunes faz a pronúncia das palavras [arrente], [correno], [andano], que são, respectivamente, [a gente], [correndo] e [andando]; há a assimilação do /g/ para o /rr/, no primeiro exemplo, e do /d/ pelo /n/ nos seguintes. Ainda na perspectiva dos metaplasmos, agora de supressão, nas palavras [bunitim] e [abestado], que são, respectivamente, [bonitinho] e [abestalhado], temos: no primeiro caso, a existência de uma apócope, que, segundo Coutinho (1984, p. 148) é a supressão de um fonema no final da palavra [nho], e, no segundo caso, uma síncope, que é a supressão de um fonema no meio da palavra [lha]. É válido salientar que estes processos são naturais dentro de uma língua e contribuem para a vivificação da mesma.

Já no nível lexical, referimo-nos a alterações em toda a palavra, e não mais para a mudança de apenas algumas letras do vocábulo. No vídeo *Sotaque*, Nunes aponta as dificuldades que obteve, no início do relacionamento com a gaúcha Luísa Sonza, para conseguirem se comunicar, sobretudo pelas diferenças vocabulares entre ambos. Ele cita os exemplos de “tendéu”, falado por ela para referir-se à “festa”, falado no nordeste; e “tangerina” e “bergamota”, a primeira, mais comum no sul do país, a segunda, falada no nordeste do país, para referirem-se a uma espécie de fruta da família das laranjas. Percebamos que, apesar de serem equivalentes semanticamente, apresentam grafia e pronúncias totalmente distintas, o que se configura uma variação lexical de dois significantes para um mesmo significado.

Quanto ao nível sintático, encontramos desvios de concordância em algumas sentenças proferidas pelo humorista, como é o caso das “eles *pensa* que aqui no Nordeste só tem sol e calor” em que o sujeito “eles” não concorda com o verbo “*pensa*”, conjugado, neste caso, como

sendo de terceira pessoa do singular, não do plural. Semelhantemente, no trecho “meus oito irmão dirnutrido¹³”, em que o substantivo e o adjetivo não concordam, em número, com o pronome possessivo e o numeral, respectivamente. Na sentença “os cara chegava pra mim e falava: - e aí, mano, firmeza?”, percebemos outro desvio de concordância em que o sujeito e os verbos empregados não concordam com o artigo definido. Nunes referia-se a uma pluralidade de pessoas, no entanto, utilizou o singular. Também na sentença “eles não acredita’ há incompatibilidade entre sujeito e verbo. Enquanto o sujeito é equivalente a 3ª pessoa do plural, o verbo foi empregado como de 3ª do singular. Notemos que a situação informal de fala contribui para o aparecimento dessas variações, que são bem presentes na oralidade.

No vídeo de Nunes e Neto, encontramos ainda a variação fonética da língua. Na situação, a estrutura da palavra permanece a mesma quando escrita. Porém, na oralidade, apresenta diferenças quanto ao som. Os humoristas citam as palavras “Timóteo”, “Curitiba”, [tás] > “estás”, “curitibano”, nos quais o fonema /t/ se altera quando pronunciado¹⁴, podendo ter som de /tch/, a depender da região do falante, constituindo o que conhecemos por palatização.

A vogal /i/, sendo extremamente frontal e fechada em comparação com outras vogais, naturalmente, ao longo do tempo, começa a impelir certas sutis transformações na consoante anterior, sobretudo se se trata de consoantes velares e alveolares como /t/, /d/, /k/, /g/ e /l/. (Disponível em: <https://pt.quora.com/Por-que-a-letra-t-faz-um-som-de-tch-e-d-um-som-de-dj-quando-utilizadas-com-a-vogal-i> - Acesso em 01/12/2020)

Desta forma, o /i/ puxa pouco mais para trás no palato a emissão da consoante anterior que o acompanha. A língua do falante, ao invés de encostar nos dentes, recua, exprimindo um som mais “puxado”, comum na região sudeste do Brasil, sobretudo, no Rio de Janeiro.

Nesse sentido, podemos alegar uma das histórias contadas por Nunes quanto aos problemas de comunicação que teve com a namorada Luíza Sonza, gaúcha, na qual ambos precisavam estar quase sempre explicando o que falavam, sugerindo até que criassem um “dicionário” para que pudessem se compreender melhor. Segundo ele, Sonza não entendia o que era “massa” e “paia”, que correspondem, respetivamente a algo bom/legal e algo ruim, ambos falados por ele. Para falantes familiarizados com esses vocabulários, a compreensão dá-se

¹³ [desnutrido]. Transcrito tal qual proferido pelo humorista.

¹⁴ No recorte de tempo 3:20min. – 3:42min. Nunes salienta a pluralidade de sotaques existente na região Nordeste. Ele alega que, às vezes, as pessoas se “decepcionam” pelo fato dele não ter a pronúncia do fonema /t/ “mais fechada”, mas apresentar um “leve chiado”, por seu /t/ ter som de /tch/, a citar, por exemplo, quando pronuncia a palavra *Tchimotocheo*.

perfeitamente, todavia, quando um indivíduo não tem convivência com esses dialetos, fica mais difícil de se entender.

Ainda sobre os registros de variação linguística diatópica encontrados em nosso *corpus*, destacamos duas palavras ditas por Nunes: [abestado] e [má]. A primeira, comum entre os nordestinos, refere-se a alguém bobo, leso. Já a segunda, constitui-se um vocativo, uma forma de se chamar alguém, não sendo pelo nome. Nunes cita o exemplo: “Ei, má, tu vai pra onde hoje?” em que tal palavra é utilizada como substitutivo do nome próprio em uma situação informal de fala.

Em face do que foi discutido e explorado ao longo desta análise, com base nos pressupostos da Sociolinguística, fica para nós a comprovação de que a língua portuguesa é vária, não pura, pois apresenta formas diversas no exercício da comunicação, que não são certas ou erradas, mas adequadas ou inadequadas, dependendo do contexto comunicativo, e são, portanto, elemento característico de um povo, fazendo parte do acervo cultural de uma região e dos indivíduos que nela habitam.

Quanto ao fator identitário, embora muitas vezes Nunes use da caricaturização para gerar o riso, como ocorre no recorte de tempo do dvd da *Netflix*, percebemos nele o interesse em valorizar sua cultura, dialetos, sotaques etc., utilizando seu trabalho para combater os estereótipos ligados à região Nordeste e os nordestinos, mostrando que as diferenças existentes não se configuram erro, mas faz parte da natureza de cada ser e até mesmo a própria língua, que não é engessada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua está em constante transformação. Nós, agentes dela, também precisamos transformar a nossa mente, refletir acerca dos possíveis usos linguísticos, considerando aspectos internos e externos à própria língua. O humorista Whindersson Nunes se apropria da variação linguística em seus trabalhos para evidenciar a fala nordestina, marcando sua identidade. Nos *stand-ups*, valoriza o *ser* nordestino, os dizeres, que muitos alegam ser errados, mas ele refuta com o argumento da diferença, evidenciando que os grupos linguísticos carregam uma identidade cultural. Além de valorizar o contexto histórico regional deste povo, como a sabedoria popular e o humor, que por vezes são tidos como motivo de vergonha até mesmo pelos próprios nordestinos, quando se sentem inferiorizados ou estigmatizados pelo seu jeito de fala.

Investigar acerca da materialização da variação linguística diatópica em trechos de fala de Nunes permitiu-nos compreender como isso contribui para a demonstração da identidade do nordestino associada à sua fala, sobretudo acerca da grande diversidade linguística que o português possui, não devendo haver estigmas, estereótipos e preconceitos com os indivíduos em virtude da sua natureza linguística.

Um dos propósitos de Nunes em seus shows é mostrar os acervos regionais do Nordeste para o mundo, possibilitando a um vasto público uma nova visão acerca das variações da língua. Para tanto, utiliza dialetos específicos de sua região, diz o significado, e valoriza aquilo que profere. Todavia, como trabalha com humor, para conseguir aceitação no mundo midiático algumas vezes recorre ao caricato, sem necessariamente haver intenções preconceituosas explícitas, mas acaba por reforçar estereótipos a fim de despertar o riso, conquistando o público. Assim, concluímos que a variação linguística diatópica presente nas falas do humorista foi essencial para a produção de sentido desejado pelo locutor, porém, é preciso compreender que o senso comum de que todo nordestino é acultural, ruralizado, pobre, que sofre com a seca e o sol forte, deve ser combatido, pois além dessa realidade não ser mais tão condizente com o Nordeste atual, esta pluralidade precisa ser compreendida como algo que enriquece a cultura de um país tão vasto e diverso como o nosso, e que não configura-se “erro” a ser “corrigido”, mas uma diferença que é natural e evidencia a pluralidade linguística e cultural de parte da nação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Geografia em ruínas**. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. cap. 1, p. 51-75.
- ALKMIM, T. Sociolinguística. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21 – 47.
- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia. **Mudança Linguística: fenômeno sociocognitivo de base funcional**. In.: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia;
- REZENDE, Tânia Ferreira. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 9-33.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008. 135p. (Série Estratégias de Ensino, n. 8.)
- CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. Trad. Klauss Gerhardt. São Paulo, Editora Paz e Terra S.A, 2001.
- CEZARIO, Maria Moura. Sociolinguística. In.: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 141-155.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7 ed. Revista. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976 (1984, reimpressão).
- FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver*. In.: ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 151-196.
- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 29-30.
- MEILLET, A. **“Comment le Mots Chagent de Sens”**. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948 [1905-1906].
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, D. de S. **Linguagem e identidade**: a construção discursiva das identidades sociais em interações com “menores infratores”. Orientadora, Maria Eulália Sobral Toscano. Belém – PA. 2006. p. 11-35.

SILVA, D. M. da.; MILANI, S. E. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov**: a língua como um fato social. Anais do SILEL. nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SOCIOLINGUÍSTICA: surgimento, objetos e objetivos. **Linguística II**: sociolinguística. Módulo 2. vol. 5. EAD da UESC. Bahia. p. 17 – 25.

SOUZA, F. C.; MEDEIROS, F. F.; SANTANA, P. H. B. **A performance do comediante Whindersson Nunes**: a imagem pública consumida como celebridade ordinária. Signos do Consumo, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 47-59, 2019.

VARIAÇÃO sociolinguística: tipos. **Linguística II**: sociolinguística. Módulo 2. vol. 5. EAD da UESC. Bahia. p. 43-60.